

Milena D’Ayala Valva

a S IDEIAS-GUIAS DE BERNARDO SECCHI

048
pós-

RESUMO

Esse artigo apresenta os aspectos principais da contribuição teórico-projetual do urbanista italiano Bernardo Secchi (1934-2014). Desde a década de 1980 Secchi passou a contribuir ativamente com a publicação de textos em revistas, com pesquisas no Instituto Universitário de Arquitetura de Veneza (IUAV), e com a elaboração de planos e projetos em parceria com a arquiteta Paola Viganò, fazendo das cidades um grande laboratório. A sua produção evidencia uma troca permanente entre pesquisa e experimentação, marcada pelo uso intencional de imagens como maneira de interpretar o mundo e de projetar a cidade. Para esse trabalho foram escolhidos três conceitos principais da obra de Bernardo Secchi, três “ideias-guias”, um termo inspirado no trabalho do próprio Secchi, cujo significado é o de identificar conceitos que podem se tornar um instrumento para o planejamento e para ações concretas no espaço.

PALAVRAS-CHAVE

Secchi, Bernardo (1934-2014). Cidade contemporânea. Planejamento territorial urbano (teoria).

DOI: [HTTP://DX.DOI.ORG/10.11606/ISSN.2317-2762.v23i40p48-64](http://dx.doi.org/10.11606/ISSN.2317-2762.v23i40p48-64)

PÓS V.23 N.40 • SÃO PAULO • OUTUBRO 2016

LAS IDEAS GUÍAS DE BERNARDO SECCHI

BERNARDO SECCHI'S GUIDING IDEAS

RESUMEN

Este artículo presenta los principales aspectos de la contribución teórica y proyectual del urbanista italiano Bernardo Secchi (1934-2014). Desde la década de 1980 Secchi comenzó a contribuir activamente con la publicación de textos en revistas, con investigaciones en el Instituto Universitario de Arquitectura de Venecia (IUAV), y con la elaboración de planes y proyectos en asociación con la arquitecta Paola Viganò, haciendo de las ciudades un gran laboratorio. La producción muestra un continuo intercambio entre la investigación y la experimentación, marcada por el uso deliberado de imágenes como una forma de interpretar el mundo y el diseño de la ciudad. Para este trabajo se eligieron tres conceptos principales de la obra de Bernardo Secchi por su utilidad como una herramienta para la planificación e para acciones concretas en el espacio.

PALABRAS CLAVE

Secchi, Bernardo (1934-2014). Ciudad contemporánea. Planificación territorial urbana (teoría).

ABSTRACT

This article presents the main aspects of the theoretical-projectual contribution of the Italian urban planner Bernardo Secchi (1934-2014). Since the 1980s, Secchi contributed actively by publishing texts on magazines, conducting studies at the *Istituto Universitario di Architettura di Venezia* (IUAV), and elaborating plans and projects alongside the architect Paola Viganò, turning the cities into great laboratories. His production evidences a permanent exchange between research and experimentation, marked by the international use of images as a way of interpreting the world and projecting the city. Three main concepts from Bernardo Secchi's work were chosen for this article, three "guiding ideas", a term inspired from Secchi's work, which means identifying concepts that can become instruments for planning and for concrete actions in the space.

KEYWORDS

Secchi, Bernardo (1934-2014). Contemporary city. Territorial urban planning (theory).

INTRODUÇÃO

Bernardo Secchi, urbanista italiano que faleceu em 2014 aos 80 anos de idade¹, deixou um legado importante para o urbanismo contemporâneo. Sua produção teórica e prática tem os alicerces nas pesquisas conduzidas no Instituto de Arquitetura de Veneza (IUAV), nos projetos realizados no escritório que mantinha com a arquiteta Paola Viganò em Milão e no ativismo profissional desenvolvido nas revistas *Casabella* e *Urbanística*².

Secchi desempenhou um papel relevante, especialmente a partir dos anos 1980, no urbanismo italiano e europeu que vivia um período de crise, resultado do fim da grande expansão do pós-guerra e que levantou questões importantes que suscitavam respostas diferentes. Era preciso transformar a maneira de se intervir nas cidades, investindo um novo olhar para passar, de acordo com Venuti (1994), da cultura da expansão para aquela da transformação. Ao analisar esse período, Fausto Nigrelli (1999) afirma que existia uma escassa presença dos urbanistas nesse debate e também um desinteresse dos intelectuais pelo urbanismo. É nesse contexto que começam a aparecer as primeiras reflexões sobre um novo quadro em que o urbanismo deveria ser inserido, e que contou com a participação de Bernardo Secchi do início ao fim.

É importante ressaltar que isso não quer dizer que Secchi foi uma voz isolada nesse cenário, ou a única que estava em evidência, mas, sendo ele editor de uma das principais revistas de Urbanismo e titular de outra de grande importância, e dirigindo ao mesmo tempo o Instituto Nacional de Urbanismo (INU), era uma das vozes que mais constantemente e mais coerentemente, de acordo com Nigrelli (1999), se sentia naquele momento. Pertencente a uma geração que presenciou momentos de grande importância como guerras e crises, e que conviveu com a crítica do início dos anos 1960 ao Movimento Moderno, com as suas aplicações no pós-guerra e com as incertezas que viriam pela frente, Secchi conseguiu estabelecer importantes relações entre teoria e prática, sabendo criticar a teoria com a história e vice-versa, o que colaborou para colocar e recolocar os problemas urbanos de modo ampliado.

Bernardo Secchi foi um urbanista com uma trajetória particular. Engenheiro de formação especializou-se em economia e se tornou um urbanista importante. Formou-se em engenharia em 1960 no Politécnico de Milão com uma tese em Urbanismo orientada por Giovanni Muzio (1893-1982), um dos importantes representantes do novecentismo milanês, que defendia a contribuição da arquitetura para a identidade nacional, fazendo parte dos anos de fundação das matrizes e da identidade do ensino de Urbanismo no Politécnico de Milão.

Iniciou sua experiência prática elaborando planos sob a coordenação de mestres como Giancarlo de Carlo (1919-2005) e Giuseppe Samonà (1898-1983). A partir de 1966, convidado por Samonà passou a lecionar no IUAV e lá encontrou um ambiente de ampla discussão sobre a dimensão urbana no ensino e sua relação entre a cidade e a arquitetura.

Depois de um tempo fora de Veneza, dirigindo a escola de Milão (1976-1982), Secchi retorna e elege em 1984 o IUAV como seu lugar, e inicia nesse período uma estreita relação com Manfredo Tafuri (1935-1994), Vittorio Gregotti (1927-) e Aldo Rossi (1931-1997). Com Tafuri acompanhou as discussões e as pesquisas que esse estava fazendo sobre o Renascimento em Veneza; com

¹ Secchi nasceu em Milão em 1934 e faleceu na mesma cidade no dia 15/10/2014.

² Secchi teve uma coluna na Revista *Casabella* de 1984 a 1996 e foi editor da revista *Urbanística* de 1984 a 1990.

Gregotti, que na época era editor da revista *Casabella*, refletia sobre a modificação do território, da cidade e da arquitetura, ministrando inclusive cursos com ele; com Rossi, absorveu as contribuições que este desenvolveu com Carlo Aymonino (1926-2010) no *Gruppo Architettura*³ sobre as relações entre morfologia urbana e tipologia, bem como sobre a busca por uma ciência urbana fundamentada nos estudos de análise urbana.

Bernardo Secchi é considerado um urbanista “teórico e prático”. Para ele era difícil imaginar a separação entre esses dois mundos, e fez questão de priorizar no curso de Doutorado em Urbanismo do IUAV que criou em 1996, a necessidade de integração entre a pesquisa e a experimentação. Deixou publicada uma quantidade expressiva de textos, artigos e editoriais, capítulos de livros e nove livros de sua autoria⁴.

Com grande capacidade intelectual de colher referências de outras áreas do conhecimento, Secchi possui uma reflexão original sobre a cidade que conhecemos hoje e sobre o seu futuro. A sua inquietação surge com uma insatisfação da maneira de se fazer urbanismo, com as formas codificadas de organizar o olhar e o discurso sobre a cidade, e que se mostravam incapazes de colher, descrever e interpretar os aspectos visíveis e invisíveis de um real sempre mais multifacetado e articulado.

O *programa de pesquisa* de um urbanista na Itália é algo reconhecido e valorizado, e é entendido como sendo a sua bagagem cultural, bibliográfica, de referências, e o seu método de trabalho, que utiliza todo o saber acumulado, e que demonstra capacidade de enfrentar os temas apresentados, estabelecendo uma ligação entre conhecimento, projetos, decisões e êxitos.

Existem várias maneiras de se refletir sobre o urbanismo em um determinado período da história. A opção adotada aqui foi a de utilizar o pensamento e a ação de um autor importante para construir uma referência, procurar relações de sentido, cultivar uma reflexão das ações que possam contribuir para a apreensão da cidade contemporânea e do seu projeto.

Reconhecer, delimitar e isolar a contribuição de um profissional não é tarefa fácil: não só se corre o risco de atribuir ao personagem o que faz parte de todo um contexto, mas também de fazer a operação inversa, atribuindo ao contexto o que pertence ao personagem, e de fazer parecer geral o que foi específico (SECCHI, 1994, p. 9).

O LABORATÓRIO DE SECCHI

Secchi teve tripla carreira de professor, de teórico do urbanismo e de projetista. Seu discurso é na maioria das vezes marcado pela experiência de outras áreas de conhecimento, e é difícil não encontrar em seus textos uma aproximação com a filosofia, com a literatura, ou uma comparação com a música, uma memória afetiva com lugares, pessoas e situações.

O núcleo criado por ele em Veneza, principalmente com o curso de Doutorado, se tornou um laboratório ativo, um celeiro de ideias e debates interessantes e atualizados. A circulação de professores e de alunos de diferentes origens contribuiu para o enriquecimento das trocas e para a disseminação das ideias que surgem ali e que chegam nos mais diferentes contextos.

³ Grupo de estudo organizado por professores do IUAV (1968-1974) que estimulava a produção de textos que deviam ser discutidas coletivamente entre professores e estudantes.

⁴ Para ter uma ideia mais ampliada da sua trajetória profissional e a relação dos principais textos e livros escritos por ele, ver VALVA (2011).

O laboratório de estudo desse urbanista é a cidade contemporânea europeia e o seu território, que a partir da década de 1980 passou a buscar alternativas para o planejamento urbano, vivenciando a emergência do “projeto urbano” como alternativa para a transformação da cidade. As críticas à cidade moderna começaram a tomar fôlego na década de 1960, principalmente com a publicação de obras que colocavam em xeque a prática modernista de se pensar e construir as cidades, mas foi somente na primeira metade dos anos 1980 que o plano passa a ser demonizado, ele “se torna velho e volumoso”, visto como um instrumento burocrático, rígido e incapaz de transformar a realidade dos lugares.

Na Itália, o debate sobre as funções efetivas do plano e sobre a sua forma levou à busca por uma redefinição total desse instrumento. A revista *Urbanística*, comandada por Secchi nesse período teve um papel fundamental tanto na busca por alternativas quanto na construção de uma nova identidade para o urbanista. Era preciso dar respostas às novas demandas da sociedade, superando as formas tradicionais com as quais o urbanismo vinha sendo pensado.

No mesmo período, a revista *Casabella*, então por dirigida por Vittorio Gregotti, se propôs a estimular a relação entre arquitetura e urbanismo. O debate foi alimentado pelos editoriais de Gregotti e enriquecido com a contribuição de Secchi, que aprofundava questões e temáticas atuais, refletindo um posicionamento da cultura urbanística que buscava uma transição de caráter quantitativo, por muitos anos caracterizada pela expansão da cidade, para uma transformação qualitativa (VENUTI, 1994). A presença e a postura de Secchi na reconstrução da identidade e da autonomia do urbanismo são, em grande parte, reconhecidas pelo início da reação sobre a necessidade de reposicionar o urbanismo na sociedade atual.

De acordo com Gabellini, a década de 1980 produziu balanços desiludidos e induziu muitos a pedir “*mais política e menos planos, mais arquitetura e menos urbanismo, mais projetos e menos regras*” (GABELLINI, 2010, p. 157). Os principais temas que norteavam as discussões sobre a ideologia do plano eram: (1) o crescente peso das áreas abandonadas de origem prevalentemente industrial; (2) o fenômeno de deslocamento das classes mais baixas da população dos centros das cidades em função da terceirização; (3) um renovado interesse pelos meios de transporte público, ligado também ao crescimento da poluição acústica e atmosférica; (4) a crescente demanda por verde e de equipamentos para o lazer na cidade consolidada e (5) a demanda também por equipamentos terciários na periferia (VENUTI, 1994).

O enfoque dos principais artigos de Secchi desse período pareceu girar em torno da ideia da “reutilização”, que, como o próprio autor sinaliza, não é uma coisa totalmente nova, mas requer uma nova percepção da sua importância. Novas, segundo ele, são as imagens e perspectivas de tudo o que passou a ser possível reutilizar: edifícios, estradas, partes de cidades e do território agrário, ou seja, o vazio, o interstício e o complemento que revelam no fundo a intenção de uma “reconstrução da cidade” ou de uma “construção da cidade na cidade” (SECCHI, 1984b).

A temática mudou, e é sobre isso que Secchi procurou refletir ao longo de uma década, constatando que não existia mais espaço para a construção *ex-novo*.

Diferente da época moderna, que viveu momentos de contínua emissão de coisas novas, o que passou a dominar depois, principalmente no velho mundo, foi o contrário: uma preocupação em utilizar o estoque já existente à procura de uma ação mais condizente com a diminuição do crescimento em geral (SECCHI, 1984a). A cidade existente passou a ser o centro de um novo campo problemático, e o novo tema foi o de dar sentido e futuro, através de contínuas modificações, à cidade, ao território e aos materiais existentes.

Se as discussões da década de 1980 estavam focadas na cidade existente e nas possibilidades de modificá-la, na década seguinte o objeto da pesquisa muda, já que o território assume o lugar de destaque nas reflexões e no planejamento.

Os anos 1990 direcionam os olhares para as transformações territoriais e para o desenvolvimento de uma nova cultura urbana, que passa a fazer um uso ampliado do território e coloca em foco as discussões sobre estilo de vida, de habitação, do ambiente, da economia e da sociedade. A cidade contemporânea passa a assumir uma forma diferente da cidade moderna, que não é sua evolução, nem sua negação. Nela prevalece a imagem de uma cidade fragmentada, formada por partes heterogêneas e descontínuas, de diversas escalas, e que convive com a dispersão de objetos, sujeitos, práticas e economias. Na Itália, essa nova realidade deu origem, no final dos anos 1980, a pesquisas desenvolvidas inicialmente pelo IUAV, com o objetivo de descrever e explicar o processo de formação de um modelo de cidade baseado na baixa densidade e articulado com uma rede urbana “minimalista” em grande escala. A partir de uma urbanização dispersa, resultado da fragmentação da cidade, revelou-se a formação de um novo tipo de cidade.

De acordo com Gabellini (2010), a partir dos anos 90 verifica-se um aumento da sensibilidade das operações urbanísticas nos territórios, nos processos e no funcionamento do sistema político, que passa a conferir aos planos uma característica decisivamente contextual. Reforça-se a atenção para a maleabilidade da forma do plano e acentua-se a relação entre as coisas, para a estruturação e sustentabilidade ambiental, econômica, financeira e social.

O urbanismo mostra-se atento a um novo objeto de pesquisa: a cidade e os territórios contemporâneos, inicialmente percebidos como caóticos e carentes de relações compreensíveis. Trata-se, enfim, de todo um campo para redefinir e projetar. O fenômeno da dispersão, há pelo menos trinta anos, começa a ser notado mais atentamente na Itália; a cidade-região vem sendo investigada, e a “cidade difusa” acaba de ser nominada e apresentada por Franceso Indovina. Tudo isso corrobora a hipótese de que a Europa estava passando de uma fase de *transformação* da cidade para uma fase de *transição*. O contexto de relações sociais passa a ser muito mais amplo, dando lugar a uma condição urbana diferente (INDOVINA, 1990).

Secchi continua como editor da revista *Urbanística* até 1990. Desde o final dos anos 1980, ele vem interrogando os limites do campo de estudo do urbanismo e do seu projeto: “Ao olhar o território, vemos o novo que está em andamento na economia e na sociedade” (SECCHI, 1989a, p. 4) O despertar para a complexidade implica abandonar a ideia de um espaço de tempo homogêneo e isótropo, que não pode ser reconhecido unanimemente, mas requer, num primeiro momento como caminho de investigação, isolar os lugares

problemáticos, na tentativa de “reduzir a complexidade”. A principal fratura provocada pelo “despertar para complexidade” reside nas diversas relações entre projeto, interpretações e descrições (SECCHI, 1989a, p. 4).

A complexidade de que fala Secchi se dá antes de tudo com a atenção para a “dispersão” da cidade, das atividades, dos sujeitos sociais, de um espaço físico onde prevalecem a descontinuidade e a heterogeneidade, a aparente ausência de qualquer semelhança, repetição ou regra de ordem. Na opinião de Secchi, o urbanista dos anos 1980 não percebeu que o “novo” estava em andamento; talvez muito preocupado com a afirmação das diferenças, do específico, do fragmento, não deu também muita atenção a uma visão de conjunto, não conseguiu elaborar ou reelaborar categorias e conceitos que lhe permitissem visões amplas da sociedade, de todo o território ou de suas regiões (SECCHI, 1992). Giuseppe Campos Venuti concorda com essa constatação e reforça que a Itália nos anos 80 e 90 ainda estava olhando somente para os impactos sobre a cidade, para as “transformações urbanas” e não para a galáxia de centros marginais, ou seja, para as “transformações territoriais” (VENUTI, 2005, p. 98).

Considerando que o uso do território passa a ser muito maior do que antes, a questão da escala do projeto, ou a necessidade de atravessar continuamente as escalas, começa a fazer parte da atenção dos urbanistas, dos arquitetos e também dos administradores e da população. E, com isso, mudam não só as perspectivas, mas também os temas que o projeto urbanístico passa a enfrentar.

A cidade contemporânea, de acordo com Secchi, tem a forma do seu território. Os grandes signos territoriais passam a fazer parte do seu projeto; é o lugar onde o território ressurge com toda a sua espessura física e simbólica como reação à homogeneização dos lugares, das populações e das economias impostas pela cidade moderna (SECCHI; VIGANÒ, 1998). Partindo da mesma ideia, Bianchetti reforça a importância e a necessidade das práticas de conhecimento no ato de leitura de um território, a partir do reconhecimento dos signos. Considera que a leitura é, antes de tudo, um reconhecimento dos “hieróglifos do território”: “*Nada se descobre nem se aprende a não ser interpretando os signos*” (BIANCHETTI, 2003, p. 10).

Essa abordagem que reconsidera o território não como um campo operativo abstrato, mas como resultado de uma longa e lenta estratificação de vestígios, vai ao encontro à discussão de André Corboz em “O território como palimpsesto” (CORBOZ, 1985). Nesse trabalho, Corboz, percorrendo a história longa, recorda que, depois de dois séculos de gestão do território, onde a única receita conhecida tinha sido a *tabula rasa*, o território passa a reencontrar a dimensão do seu conceito, da sua espessura, com uma atenta consideração aos traços e às mutações que passam a integrar o planejamento, como um ponto de apoio ou um estímulo.

Na virada do século XX, a análise da dispersão e da difusão urbana parece ter alcançado uma expressão significativa nas pesquisas territoriais, econômicas e sociais. A linha de pesquisa desenvolvida por Secchi e seus colaboradores exprime a possibilidade de compartilhar a análise socioeconômica do território com a análise do tipo morfológico, além do estudo dos estilos de vida e das práticas sociais dos diferentes grupos.

Superada a compreensão do desempenho do território e sua forma, o trabalho de Secchi procurou refletir sobre uma nova geografia dos lugares centrais e dos espaços verdes, com a construção, também, de uma nova geografia das questões metropolitanas. Nessa escala, o desafio na opinião de Secchi (SECCHI; VIGANÒ, 1998) passa a ser o de construir uma permeabilidade e acessibilidade generalizada do território, através do cuidado com o deslocamento dos pedestres, aliado às ciclovias e à rede viária de transporte público.

IDEIA GUIAS: CONCEITOS QUE GERAM PROJETOS

As ideias-guias apresentam a escolha das ideias principais de Secchi a partir da análise dos seus textos e planos produzidos entre a década de 1980 até 2008. A intenção é a de destacar e aprofundar aquilo que, no trabalho desse urbanista, se afirma como conceitos importantes e originais.

Uma das boas lições que se pode apreender com a compreensão da trajetória de Bernardo Secchi é a de que o projeto é a forma de estudo e de pesquisa, a ferramenta principal que um arquiteto-urbanista possui para produzir novos conhecimentos. Nas palavras de Viganò (2010), o projeto em diferentes escalas é entendido como dispositivo cognitivo, produtor de novos saberes, instrumento para indagar um contexto e anexar novos materiais ao conhecimento existente. Através da conceituação, que se encontra no enfrentamento da análise da realidade, é o lugar em que o projeto produz conhecimento.

Para esse artigo foram escolhidos três conceitos básicos da obra de Secchi: o projeto do solo, a *renovatio urbis* e a porosidade.

PROJETO DO SOLO

Projeto do solo, expressão já conhecida no urbanismo, passou a ser utilizada por Secchi em meados da década de 1980 quase como uma imagem na busca por uma nova maneira de desenvolver planos urbanos. Motivado por críticas ao urbanismo moderno, principalmente depois da publicação do texto de Bernard Huet (1984) “A cidade como lugar habitável: alternativas para a carta de Atenas” que desencadeou um debate na revista *Casabella* com Vittorio Gregotti (1985), Secchi procurou demonstrar que mais do que as indicações da Carta de Atenas ou o pensamento dos protagonistas dos Congressos Internacionais da Arquitetura Moderna (CIAM), um dos grandes problemas estava na redução da importância dado ao contexto, que se refletia até mesmo na representação, na maneira de se desenhar o solo, com uma nítida tendência a uma graficação mais codificada, icônica.

Na análise de Secchi (1986), até meados do século XX essa representação que descrevia um espaço homogêneo, isótropo e universal, atuava em pelo menos três visões interligadas na maneira de utilizar e projetar o solo: a primeira, que explora o solo e detém as funções e significados de toda a cidade, através de um edifício que quer se fazer cidade e se torna um local multifuncional de relações e imagens; a segunda que privilegia os fluxos canalizados entre objetos e terminais, transformando o solo em um mero suporte amorfo de elementos

técnicos; a terceira que considera o solo somente pelas suas características métricas, distribuindo usos, funções e atividades.

Para romper com a tradição modernista de tratar o solo como mero suporte, sem sensibilidade para a multiplicidade de formas contidas no território e de espaços interligados que dão sentido ao habitar, é que Secchi passa a utilizar o conceito do projeto do solo como um momento de se pensar a relação entre a arquitetura e a sociedade. “*O projeto urbanístico é, em grande parte, um projeto do solo que adquire sentido dentro de um projeto social geral e valor através de um projeto de arquitetura*” (SECCHI, 1984b, p. 196).

O artigo que inaugura esse termo nos textos de Secchi (1986) teve ampla repercussão, principalmente porque passou a chamar a atenção para os espaços abertos coletivos da cidade, partindo do princípio de que a principal tarefa do plano é a de projetar esse espaço aberto, estabelecendo vínculos, transformando-o na ligação da cidade e das suas partes, em um sistema de interconexões capaz de modificar a relação entre o construído e o não construído, entre o espaço privado e o público, entre o individual e o coletivo, e promovendo as articulações desses espaços.

Secchi propõe, assim, raciocinar a cidade e seu território “por partes”, considerando suas diferenças e especificidades. Na sua opinião, reconhecer as partes, interpretando e identificando os diferentes sujeitos que transformam o território, pode ser a chave para compreender as regras, as relações sistemáticas associativas, de integração e dependência, de oposição e exclusão. As partes devem ser reconhecidas, descritas e nominadas, com base nas suas características visíveis, morfológicas.

O projeto do solo, entendido como um conjunto de obras e intervenções de diversas escalas, deve modificar o estado e as características do solo “transitável” público e de uso público, através da redefinição do desenho e dos usos. Não se trata somente de pensar em modificar o uso daquilo que já existe ou substituir por novas arquiteturas, de completar as partes da cidade incompleta, mas, sobretudo, de projetar o solo de maneira não banal, não reducionista, sem técnica e sem articulação.

O tema do projeto do solo remete novamente à busca por uma nova maneira de pensar o plano da cidade, por um modo de agir nas áreas intermediárias, intersticiais, entre aquilo que Secchi denomina “partes duras”, ou partes edificadas, e as “partes moles”, maleáveis (as áreas vazias, abandonadas ou em via de esquecimento). Adicione-se a isso o estabelecimento de novas ligações, a reinterpretção das partes maleáveis, a “reinvenção” de algo que atribua sentido ao conjunto. Formam-se assim novos coágulos físicos, funcionais e sociais, novos pontos de agregação em perspectivas mais gerais através de projetos amplos com discursos mais convincentes e verdadeiros (SECCHI, 1984b).

Importante ressaltar que as reflexões de Secchi nos artigos e editoriais publicados na revista *Urbanística* em meados da década de 1980, correspondem com o período em que ele e sua equipe estavam desenvolvendo o Plano para a cidade de Jesi e logo depois para Siena, duas cidades italianas com forte identidade e densidade histórica, que estavam passando por uma refuncionalização. Nos dois planos a estratégia principal foi a de aprofundar a

reflexão sobre o antigo, sobre o novo, reconhecer as partes e a de propor a complementação da cidade e seu território para alcançar a sua modificação.

A elaboração desse conceito difundido nos textos de Secchi foi motivada, portanto, não só pela reflexão crítica, mas como uma forma concreta de atuação no espaço. Refletindo e interrogando sobre a história do desenho da cidade e do território a partir de seus planos, estabelecendo assim um caminho instrumental, o conceito toma forma e adquire sentido.

A densidade do conceito é evidente. O projeto do solo se encarrega de ligar “fisicamente” as partes, resolvendo discontinuidades e particularidades em “sistemas”; de ligar a terra, ditando condições às edificações e resgatando os resíduos do espaço não construído; de tratar a dimensão “coletiva” e a “geral” das demandas sociais. Definitivamente, ele explora a possibilidade de compor alguns conflitos: entre as partes e o todo, entre o espaço cheio e o vazio, entre interesse dos particulares e aqueles de toda a cidade (SECCHI, 1984b).

Secchi estava já há algum tempo discutindo a necessidade de buscar alternativas para o planejamento das cidades. A fase de levantamento, de análise profunda das características dos espaços edificados e não edificados, passou a ter importância fundamental na elaboração dos planos. Se antes os planos começavam com as análises demográficas, com o estudo da ocupação passaram para as previsões e estimativas. Nos novos planos o levantamento físico torna-se a primeira etapa a anteceder o processo do plano.

Nas palavras de Secchi (1986), era necessário compreender “*o que eram os espaços da cidade, como e o quanto foram utilizados*” (SECCHI, 1986, p. 22), tentando tipificar, classificar, formando um repertório dos edifícios e dos espaços urbanos, para só depois partir para as análises mais convencionais. O primeiro passo, portanto, consistiu na descrição da cidade através da construção de um quadro detalhado, com a análise de todos os seus espaços, representados por plantas, cortes, perspectivas, não só dos edifícios, mas também das estradas, dos espaços aberto etc.

O interesse aqui não é o de detalhar cada uma dessas partes, mas o de evidenciar que essa nova forma de plano inaugura elementos no projeto que antes não existiam, não só na maneira de conduzir a elaboração do trabalho, mas também na de representar o projeto. Vale, por exemplo, esclarecer que o plano é acompanhado de “sugestões”. A partir do reconhecimento das regras de cada parte, com descrição e análise das suas características, o plano detalha, do ponto de vista morfológico e tipológico, como os problemas das diversas partes da cidade poderiam ser resolvidos. Para cada área se estuda um projeto próprio como se “se tratasse de estudar um projeto de arquitetura”.

Além da inovação da maneira de conduzir o plano, a graficação e apresentação do Plano passou a ser a de um “plano desenhado”. A prancha “projeto do solo”, que contém a identificação dos espaços abertos e as possíveis articulações dessas partes, passa a ser uma peça importante na apresentação do Plano. Ao assumir o projeto de arquitetura urbana como instrumento do plano, ele procura produzir um plano que seja não somente um documento para ser “lido”, mas, mais que isso, que possa ser “visto”. Isso pode ser constatado na opção por apresentar o projeto através de pranchas desenhadas. As pranchas com traços do processo de constituição dos planos restituem a

ideia neles defendida: a de que a demanda de território, singular ou coletiva, deve ser explorada, solicitada e orientada através da proposição de soluções específicas, capazes de dar “forma” aos interesses e conflitos e, por isso mesmo, de tornarem-se “previsíveis” em face da atuação das escolhas (SECCHI, 1989b). Segundo Secchi, os problemas enfrentados por esses planos foram o da legitimidade de cada projeto em particular, bem como do conjunto dos projetos sobre os quais iriam atuar, e também o da definição dos critérios a que eles deveriam estar vinculados. Projetar o vazio, modificar a cidade coloca em evidência a necessidade de buscar novas relações para o plano e o projeto.

De acordo com Gabellini (2010), os numerosos desenhos que acompanham a fase de elaboração do plano estruturam as reflexões de técnicos, administradores, órgãos representativos e operadores específicos. Esses desenhos – que assumem um valor prescritivo e não só explicativo – são sintetizados nas pranchas de “sugestões”, sendo, portanto, o resultado de um processo interativo entre diferentes sujeitos, e não só o ponto de vista de um segmento.

RENOVATIO URBIS

O conceito de *renovatio urbis*⁵ surge no trabalho de Secchi com o desafio de desenvolver planos urbanísticos para cidades com relevantes heranças históricas, marcadas pela tensão entre conservação e transformação, cujos planos colocam questões importantes sobre como proceder à modificação de seus espaços e territórios. É nesse momento de estabelecer uma metodologia mais adequada para o desenvolvimento desse tipo de cidade que Secchi se apoia nas pesquisas que Manfredo Tafuri estava desenvolvendo sobre o Renascimento.

Secchi se inspira conceitualmente na *renovatio urbis cinquecentesca*, caracterizada por uma política de redefinição de toda a estrutura urbana, da sua imagem, do seu aspecto, do seu papel e do seu significado, e fundada em uma série limitada de projetos pontuais capazes de mudar função e significado de partes inteiras da cidade ou mesmo da cidade inteira. A base conceitual dessa política está, segundo Secchi (2006), no livro *Harmonia e conflitos* (1983)⁶, escrito por Tafuri, em parceria com Antonio Foscari, que apresenta a discussão em torno das reformas da igreja *San Francesco della Vigna*, em Veneza, argumento inicial que possibilita a reflexão sobre uma política urbana no século XVI.

Na segunda metade do *Cinquecento*, Veneza vivenciou vários episódios urbanos significativos que voltaram o olhar para suas áreas-chave, procurando construir uma cidade dentro da cidade. A rearticulação dos espaços públicos de uso coletivo foi intensa, não só nas áreas mais centrais, mas também nas periféricas. Se estudadas na perspectiva geográfica da cidade como um todo e sob uma ótica de “tempo longo”, as diversas providências adotadas demonstram que a questão do desenho urbano complexo estava de certa forma presente no governo da República Vêneta. Isso não significa, porém, falar de um plano urbanístico lúcido, nem de previsões arquetonicamente formuladas, de forma compacta, do início ao fim. Pode, contudo, significar a existência de uma intenção seletiva sobre a forma da cidade e das suas partes (CALABI, 2001).

Esse é o contexto em que se desenvolveu a pesquisa de Tafuri, que focalizou os conflitos ocorridos durante a reforma da igreja *San Francesco della Vigna*, por volta de 1535, uma das mais notáveis operações de reestruturação do

⁵ A expressão normalmente não é traduzida, sendo o seu significado literal o de renovação urbana. O termo, entretanto, é utilizado em um sentido mais amplo e diz respeito a uma estratégia de inovação característica do Renascimento, compreendendo uma ideia de *renovatio* em diversos campos do conhecimento e da atividade humana.

⁶ Essa obra, parte de um amplo programa de pesquisa coordenado por Tafuri e desenvolvido por vários pesquisadores, culminou com o seminário “Veneza na época do Doge Andrea Gritti”, e foi incluído no tema da pesquisa “O longo Renascimento”. Ver Tafuri e Foscari (1983), Tafuri (1984).

Cinquecento em Veneza, na opinião do historiador. Foi ali, segundo Tafuri, que se deu início a uma *renovatio*, antes mesmo da área mais central. Para Tafuri, a ampliação da igreja de *San Francesco della Vigna* colocou em discussão um processo de ampla redefinição urbanística da área.

A *renovatio urbis* estudada por Tafuri é utilizada por Secchi como uma ideia, uma metáfora. Consiste em uma maneira diferente de pensar a construção do projeto da cidade e uma alternativa àquilo que Secchi estava procurando. Na opinião de Secchi, o estudo de Tafuri deixou clara a necessidade de atenção para a pesquisa de uma legitimidade do projeto no plano no que diz respeito a diferentes atores e disciplinas, bem como a reflexões sobre diferentes horizontes ideológicos e temporais, instrumentos operativos e técnicas. Para Secchi, por trás desses projetos pontuais, existe uma política que age em diversos níveis, pesquisando e adotando critérios compreensíveis, com vistas a uma imagem clara do futuro de uma cidade que utiliza instrumentos específicos e localmente limitados.

Um dos grandes problemas desse tipo de estratégia é o de assegurar a qualidade do projeto final, cuja função será a de reestruturar uma área e dar significado a uma parte da cidade ou ao seu conjunto. Tanto para Secchi quanto para Tafuri, em função da urgência e de outras inquietações, os arquitetos responsáveis pelo formato do projeto final, muitas vezes não reconhecem as características estruturais mais duradoras. Em face disso, o que se vê são exercícios que não conseguem trabalhar com um conjunto de linguagens artísticas, realidades físicas, comportamentos, dimensões urbanas e territoriais, e dinâmicas político-econômicas (SECCHI, 2006).

Segundo Secchi⁷, a *renovatio urbis* não nega o passado, mas o reelabora, procurando reescrever o sentido dos lugares que havia se perdido na prática banalizante da modernidade. Procura, desse modo, redesenhar a geografia funcional e simbólica da cidade, levando-a a ficar mais próxima do mapa mental da sociedade contemporânea, e não do mapa dos valores monetários. Ao se opor ao mercado, acrescenta ao palimpsesto urbano um *layer* que lhe permite uma nova interpretação.

Secchi opta por inspirar-se nas estratégias do Renascimento para confiar o projeto da cidade e do território a uma seleção de intervenções limitadas e estratégicas cuidadosamente definidas. Nas suas intenções, ele não pretende recuperar um conceito de tão longa duração nem atualizar o passado. E, talvez, seja o próprio Tafuri a ajudar na justificativa desse seu procedimento: “*a história não tem nada a nos ensinar sobre o plano operativo, mas pode nos ajudar a interpretar objetos culturais diferentes e a contribuir para os discursos atuais*” (TAFURI; FOSCARI, 1983 apud SECCHI, 2006 p. 2).

Ao vincular o conceito que Secchi desenvolve para o projeto da cidade contemporânea com as pesquisas de Tafuri, percebe-se a intenção de conferir uma maior “notoriedade” a esse conceito e, talvez, a vontade de associá-lo à rica discussão que acontecia em Veneza nos anos 1980, fruto de lições anteriores ensinadas por mestres como Muratori e Samonà, por exemplo. Tafuri, Gregotti, Aymonino, Rossi e tantos outros tinham como pano de fundo as discussões sobre contexto e modificação da arquitetura e da cidade, cada um deles com o seu percurso particular de pesquisa. A filosofia das pesquisas desenvolvidas em Veneza girava em torno da ideia de que o projeto de

⁷ Entrevista dada à Adalberto Retto Jr. e Christian Traficante em abril de 2004. Ver Retto Jr. e Traficante, 2004.

arquitetura, da cidade e do território não podia prescindir de colocar-se em uma relação crítica com o contexto pontual e rigorosamente analisado. Deve-se acrescentar que o IUAV também contribuiu para um debate importante que se revela no centro da discussão da *renovatio urbis* de Secchi sobre a relação entre arquitetura e urbanismo, entre o plano e o projeto.

POROSIDADE

A porosidade parte, há muito tempo, do imaginário e do repertório de estudiosos italianos, e está relacionada com a descrição que Walter Benjamin fez da cidade de Nápoles em 1925, em um texto “esplêndido e pouco conhecido”, segundo Giandomenico Amêndola (2009). Nesse texto, Benjamin relata que o aspecto rochoso e poroso constitui o guia para a compreensão de uma estrutura urbana e social tão particular:

Nápoles é porosa como a sua arquitetura. Poroza na forma, nas suas relações sociais, nas características dos seus habitantes. A alma da cidade, portanto, não pode ser capturada em um ponto, em uma imagem. Escapa às definições, penetra na cidade, é porosa como suas paredes (BENJAMIN, 1925 apud AMENDOLA, 2009, p. 65).

⁸ Informação dada à autora durante entrevista em dezembro de 2008.

⁹ O seminário *La città porosa: conversazioni su Napoli* contou com a participação de Massimo Cacciari, Antonio D’Amato, Gustaw Herling, Mario Martone e Francesco Venezia.

Benjamin ficou impressionado com a característica de cena permanente na cidade, com a proximidade de personagens, das figuras mágicas e monstruosas, da subjetividade e teatralidade que se respirava ali. Compreendeu que se tratava de um aspecto fundamental da condição urbana e da impossibilidade de decifrá-la. Essa visão de cidade se contrapunha, na opinião de Amendola (2009), à fase histórica que se caracterizava pela busca de princípios analíticos, homogêneos em nome da modernidade, como os grandes planos, na tentativa de unificar a cidade. Benjamin, diferentemente dos urbanistas, sociólogos e estudiosos de todos os tipos, constatava na sua experiência napolitana dois aspectos fundamentais da cidade moderna: a porosidade e a impossibilidade de definição.

Um ano depois do texto de Benjamin, Ernst Bloch utiliza o conceito de porosidade para descrever a natureza e a particularidade das estruturas urbanas e sociais italianas, primeiro utilizando o exemplo de Nápoles (MANTIA, 2006), depois o *vivre ensemble* mediterrâneo, individual e, ao mesmo tempo, profundamente compartilhado (VIGANÒ, 2006).

De acordo com Secchi⁸, o resgate desse termo, para a reflexão da condição da cidade contemporânea, se deve ao texto apresentado por Massimo Cacciari em um seminário ocorrido em Nápoles em 1992⁹, quando o filósofo, com base em textos de Benjamin, propõe uma leitura do significado e do conteúdo de uma cidade porosa:

[...] a cidade porosa é uma cidade na qual nada avança conforme linhas afiadas, rupturas [...]. A forma dessa cidade não se desenvolve nunca por projetos, por programas [...]. [Quanto] mais penso, mais me convenço da força da imagem benjaminiana sobre a porosidade de Nápoles: trata-se de imaginar essa cidade como uma colossal [...] esponja estendida sobre o mar, que não enfrenta seus problemas por meio de macroprojetos, [...] que não reduz o complexo das tensões, dos conflitos, que não procura anular-se, mas sim assimilar-se e quase nutrir-se (CACCIARI, 1992, p. 163-164).

Além de surgir como metáfora, porosidade é um conceito das ciências naturais, principalmente das ciências da terra e da física, relacionado com os fenômenos de infiltração e percolação. Em física, a percolação define a passagem lenta de um líquido em queda, do alto para baixo, através de uma massa filtrante sólida, tendo, portanto, a ver com a ideia de não atravessar um vazio perfeito, mas outros corpos (MANTIA, 2006; VIGANÒ, 2006).

No trabalho de Secchi e Viganò, porosidade é um instrumento conceitual para investigar e projetar o território contemporâneo. Surge pela primeira vez no laboratório do plano para Brescia, a partir da identificação da força do vazio entre os fragmentos da cidade. No plano para Lecce, na região do Salento, no sul da Itália, adquire um peso fundamental como centro temático para se pensar um território disperso, vinculando-se principalmente ao sistema ambiental e de infraestrutura. Desde então se tornou um conceito relevante nos projetos e pesquisas coordenados por Secchi e Viganò. O conceito de porosidade foi utilizado para falar de ecologia da paisagem, bem como para descrever e interpretar a cidade contemporânea.

A porosidade no trabalho desses urbanistas faz referência a densidades, a distâncias, à tomada de consciência dos elementos de racionalidade ecológica, e também possui profundas implicações sociais e econômicas. No Plano que Secchi e Viganò desenvolveram para a cidade de Antuérpia, na Bélgica, em 2005, esse conceito foi utilizado como norteador do trabalho e definido da seguinte maneira:

Porosidade diz respeito às diferentes maneiras de utilização do espaço urbano e de deslocamento dentro da cidade pelos diferentes usuários, não somente os humanos, mas também de outras espécies. A porosidade é uma descrição e uma atitude de projeto: uma maneira diferente e inusitada de conceber espaços (interstícios do tecido compacto, como jardins privados, espaços abertos na grande cidade moderna, passagem para pessoas e natureza nos espaços construídos descontínuos, parques, praças, jardins) e práticas (públicas, individuais e coletivas). Para trabalhar com a porosidade é preciso dispor de oportunidades para melhorar a acessibilidade e a permeabilidade do tecido urbano, aprimorando a qualidade do domínio público e aumentando as práticas públicas. Esse raciocínio pode dar origem a um novo projeto para a cidade, a partir de sua constituição material, alterando a sua imagem, bem como sua forma de trabalhar um projeto com grande ênfase sobre seu caráter social e econômico (ANTWERP, TERRITORY OF A NEW MODERNITY, 2005, p. 121).

Na escala do território, a porosidade está ligada à configuração da infraestrutura da mobilidade e à dinâmica do movimento dos veículos. Secchi e Viganò dividem a infraestrutura em duas classes: a dos tubos (ou seja, a parte que estabelece troca com o território somente em poucos pontos bem definidos, isolando o fluxo estradal do que o circunda) e a da esponja (a que, ao contrário, permite a cada condutor uma interface com o território a qualquer momento). Os tubos são as estradas, as autoestradas, as tangenciais que, indiferentemente do contexto em que estão inseridas, possuem o objetivo de tornar o fluxo de tráfego eficiente. A realidade mostra que, à medida que cresce a demanda por mobilidade, são construídos tubos de maiores dimensões para garantir o tráfego de alta velocidade, acarretando, com isso, a diminuição da conectividade. Por sua vez, a esponja consiste em redes menores, de trama

muito pequena. Essas redes permitem uma relação do tipo osmótico com o contexto, correspondendo a um conjunto de estradas bastante denso, interconectado, que funciona como uma massa filtrante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As três ideias-guias apresentadas aqui reforçam a tese de que na trajetória de Bernardo Secchi sempre houve uma atenção especial aos espaços abertos, a partir dos quais ele desenvolveu importantes ideias, conceitos, que acabaram se transformando em instrumentos de projeto. As ideias guias selecionadas e discutidas nesse artigo exprimem a maneira como Secchi enfrentou os desafios colocados pela cidade contemporânea.

O projeto do solo representou uma nova maneira de desenvolver os planos urbanísticos. Trata-se, sem dúvida, de uma contribuição original de Secchi, que coloca em destaque o momento intermediário entre o urbanismo, a arquitetura e a sociedade. O plano urbanístico é, em grande parte projeto do solo, que nos dias de hoje, em que a cidade está associada a uma forma dispersa, ganha cada vez mais importância na resolução de problemas relacionados com a densidade e a proximidade. Pode-se dizer, após a análise do conjunto da obra de Secchi, que o projeto do solo entendido, como a busca por uma distância adequada entre os objetos, e entre as pessoas nas diferentes modalidades, foi se dissolvendo no conceito de porosidade.

A reflexão sobre a importância do projeto do solo se liga ao conceito da *renovatio urbis*, que assume com Secchi um novo aspecto relacionado com intervenções pontuais que, entretanto, podem afetar a cidade como um todo. Secchi foi um dos primeiros a perceber que o urbanismo requer uma aproximação em duas escalas, aquela do conceito global para a cidade e aquela do projeto específico para determinadas áreas da cidade, visão que hoje pode parecer óbvia, mas que naquele momento possuía uma grande originalidade. Mas a *renovatio urbis*, pensada como fim em si mesma, não contribui para resolver os problemas das cidades; ela deve estar ligada a uma ideia geral da cidade e do seu planejamento, e ela só adquire sentido se estiver vinculada ao projeto do solo. Na trajetória de Secchi esse foi um conceito que foi redimensionado, questionado, perdeu um pouco o sentido, envelhecendo nas suas próprias limitações, mas que nos planos mais recentes, volta a ser utilizado como uma aposta para dar ao projeto da cidade consistência, e para reforçar a potencialidade das suas várias partes, encontrando no projeto arquitetônico a maneira de produzir fortes vínculos, também sociais e culturais, numa cidade que está tentando se desenvolver sobre si mesma, aproveitando espaços subutilizados, na tentativa de aproximar as pessoas, e tendo em mente uma imagem do futuro.

A cidade porosa não é somente um *slogan* para os projetos de Secchi. Surge como metáfora e se transforma em uma categoria de projeto que tem como objetivo interligar as diferentes partes da cidade e do território, na busca da utopia de uma cidade isotrópica. Está profundamente ligada ao conceito de projeto do solo e a um olhar contemporâneo sobre as dimensões físicas do espaço, das distâncias, dos materiais urbanos, sobre as novas estratégias da atenção e sobre as maneiras possíveis de se viver junto.

O que caracteriza Secchi é o exercício que ele se propõe de imaginar a cidade; e nos discursos que faz sobre a cidade contemporânea verifica-se a utilização intencional de imagens, não como alegoria, mas para construir uma hipótese de interpretação do mundo e um projeto de ação sobre a realidade. A imaginação, para Secchi, é um componente operativo. Na “construção de imagens” o uso de analogias na formulação de teorias é muito utilizado, e a metáfora é um recurso considerado como um “momento de passagem”, aquilo que permite uma melhor definição da teoria. Para Secchi quase sempre a prática urbanística adquiriu o sentido dentro de uma narrativa, dentro de uma estrutura discursiva, onde é possível se reconhecer figuras. A metáfora é uma dessas figuras possíveis que permitem que objetos, situações ou eventos, nem sempre parecidos, sejam relacionados entre eles. No trabalho de Secchi verifica-se uma grande utilização conectivo-metafórica, que faz com que o fundo teórico e conceitual seja delineado e reforçado pela presença das imagens. Secchi é reconhecido na Itália como o autor que mais sistematicamente, e em modo sempre mais ampliado colocou a imaginação na base da renovação da racionalidade urbanística.

Pode se dizer, que Secchi desenvolveu em sua trajetória um pensamento construtivo, um conhecimento criativo e uma mentalidade projetual, apreendendo bem as lições que adquiriu com os mestres com que trabalhou, como, por exemplo Giuseppe Samonà, destacando-se da mesmice dos planos urbanísticos produzidos atualmente.

REFERÊNCIAS

- AMENDOLA, Giandomenico. *La città posmoderna: magie e paure della metropoli contemporanea*. Roma: Laterza, 2009.
- ANTWERP, TERRITORY OF A NEW MODERNITY. Spacial Strategic Struture Plan of Antwerp. Preliminare Project. Antwerp, 2005.
- BENJAMIN, Walter. Naples, In: *One Way Street and other Writings*. London: Verso, 1925 apud AMENDOLA, Giandomenico. *La città posmoderna: magie e paure della metropoli contemporanea*. Roma: Laterza, 2009.
- BIANCHETTI, Cristina. *Abitare la città contemporânea*. Milano: Skira, 2003.
- CACCIARI, Massimo. Non potete massacrarmi Napoli! In: VELARDI, C. (Org.). *La città porosa: conversazioni su Napoli*. Napoli: Cronopio, 1992.
- CALABI, Donatella. *Storia della città moderna*. Roma: Laterza, 2001.
- CORBOZ, André. Il território come palinsesto. *Casabella*, n.516, 1985.
- GABELLINI Patrizia. *Fare urbanística: esperienze, comunicazione, memoria*. Roma: Carocci, 2010.
- GREGOTTI, Vittorio. Quattro obiezioni. *Casabella*, n. 517, 1985.
- HUET, Bernard. La città come luogo abitabile. *Lotus*, n.41, 1984.
- INDOVINA, Francesco. (Org). *La città diffusa*. Venezia: Marsilio, 1990.
- MANTIA, Giuseppe. Lo spazio poroso: figure e dispositivi. In: *Q3 Comment vivre ensemble*. Roma: Officina, 2006.
- NIGRELLI, Fausto. *Percorsi del progetto urbano in Francia e in Italia 1960-1997*. Roma: Officina, 1999.
- RETTO JUNIOR, Adalberto da Silva; TRAFICANTE, Christian. Bernardo Secchi. *Entrevista*, São Paulo, ano 05, n. 018.02, Vitruvius, abr. 2004 <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/05.018/3330>>.
- SECCHI, Bernardo. Le condizioni sono cambiate. In: *Casabella*, n. 498-499, 1984a.
- SECCHI, Bernardo. *Il racconto urbanístico*. Torino: Einaudi, 1984b.

- SECCHI, Bernardo. Progetto di suolo. In: *Urbanistica*, n. 520, 1986.
- SECCHI, Bernardo. Ridurre la compessità (editorial). In: *Urbanistica*, 1989a.
- SECCHI, Bernardo. Caratteri, temi e progetti del nuovo Piano Regolatore di Jesi. In: *Rassegna di architettura e Urbanistica*, n.67-68, 1989b.
- SECCHI, Bernardo. Visioni d'assieme. In: *Casabella*, n.595, 1992.
- SECCHI, Bernardo. Presentazione. IN: VENUTI, Giuseppe Campos. *La terza generazione dell'urbanistica*. Milano: FrancoAngeli, 1994.
- SECCHI, Bernardo.; VIGANÒ, Paola. Piani e progetti recent di Studio 1998. (Un programma per l'urbanistica). In: *Urbanistica*, n. 111, 1998.
- SECCHI, Bernardo. *The contemporary city and the critical legacies of Manfredo Tafuri*. Texto apresentado em seminário na Columbia University, New York, em 2006.
- TAFURI, Manfredo.; FOSCARI, Antonio. *L'armonia e i conflitti*. Torino: Einaudi, 1983.
- TAFURI, Manfredo.; FOSCARI, Antonio. *L'armonia e i conflitti*. Torino: Einaudi, 1983 apud SECCHI, Bernardo. The contemporary city and the critical legacies of Manfredo Tafuri. Texto apresentado em seminário na Columbia University, New York, em 2006.
- TAFURI, Manfredo. *Renovatio urbis: Venezia nell'eta di Andrea Gritti (1523-1538)*. Roma: officina, 1984.
- VALVA, Milena d'Ayala. *Da renovatio urbis à cidade porosa: um laboratório para a cidade contemporânea*. 2011. 248 p. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- VENUTI, G. Campos. *La terza generazione dell'urbanistica*. Milano: Franco Angeli, 1994.
- VENUTI, G. Campos. Una strategia per il riequilibrio delle trasformazioni territoriali. *Urbanistica*, n. 126, 2005.
- VIGANÒ, Paola. The porous city. In: Q3 *Comment vivre ensemble*. Roma: officina, 2006.
- VIGANÒ, Paola. *I territori dell'urbanistica*. Roma: Officina, 2010.

Nota da Autora

Esse trabalho faz parte da pesquisa desenvolvida na tese de doutorado intitulada *Da renovatio urbis à cidade porosa: um laboratório para a cidade contemporânea*, defendida na FAU-USP em 2011. O trabalho foi orientado pela prof. Dra. Maria Cristina da Silva Leme e contou com a coorientação do prof. Donatella Calabi durante o estágio de um ano no IUAV-Veneza (2008-2009).

Nota do Editor

Data de submissão: 28/02/2016

Aprovação: 10/11/2016

Revisão: Edna Lucia

Milena D'Ayala Valva

Universidade Estadual de Goiás. Anápolis (GO). Docente do Mestrado em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (TECCER) e do Curso de Arquitetura e Urbanismo.

CV: <http://lattes.cnpq.br/0158041332274314>

midayala@gmail.com